

## Marcel Proust e o nascimento do *esprit* dos Guermantes

Guilherme Ignácio da Silva<sup>1</sup>  
Carla Cavalcanti e Silva<sup>2</sup>

“(…) comme après la métempsychose,  
les pensées d’une existence antérieure (...)”

M. Proust. *Du côté de chez Swann*.

### Apresentação

ENTRE AS IMAGENS DE UMA RELAÇÃO DESTINADA A “UMA IMPERFEIÇÃO INCURÁVEL”, “na própria essência do presente”, o narrador proustiano nos remete a uma réplica cheia de *esprit* de uma mulher encarcerada em um palacete luxuoso por um marido ciumento: “não existe belas prisões” – é a resposta dela a todos aqueles que elogiam sua casa<sup>3</sup>.

Propomos recorrer também às *Historiettes* como forma de esboçar a apresentação do tema de nosso artigo antes de podermos analisar o nascimento do *esprit* dos Guermantes em três cadernos de esboços proustianos.

No início de sua coletânea de anedotas e retratos, Tallemant de Réaux<sup>4</sup> nos conta que o rei Henrique IV, chegando a um vilarejo, “onde devia parar para jantar”, “deu ordens que trouxessem até ele alguém do lugar que tivesse mais *esprit*, para poder conversar com ele durante a refeição.” Apresentaram-lhe então um camponês “chamado *Gaillard*”, a quem o rei ordena que se sente diante dele, lançando-lhe a pergunta: “Qual é a diferença entre *gaillard* e *paillard*?”<sup>5</sup>. O que era o mesmo que ter afirmado: “Caro senhor *Gaillard*, parece que o que vejo diante de mim é, antes de tudo, um “homem impudico, cheio de luxúria, alguém que leva uma vida dissoluta e alegre, enfim, alguém voltado aos prazeres.”<sup>6</sup>

À pergunta *railleuse* do rei sobre a diferença entre as duas palavras, o sr. *Gaillard* ousa responder: “Majestade, há apenas uma mesa entre os dois.” Ou seja, se há alguém que leva uma vida dissoluta, voltada exclusivamente aos prazeres carnavais, não é o camponês espirituoso que está sentado diante do rei.

<sup>1</sup> Prof. dr. no Departamento de Letras na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: [guiproust@yahoo.com](mailto:guiproust@yahoo.com)

<sup>2</sup> Profa. dra. no Departamento de Letras Modernas na Universidade Júlio de Mesquita Filho, FLCAssis, UNESP. E-mail: [carla.cavalcanti@unesp.br](mailto:carla.cavalcanti@unesp.br)

<sup>3</sup> O narrador atribui à sra. de La Rochefoucauld uma resposta da cunhada dela, a sra. de la Rocheguyon. Esse *mot d’esprit* se encontra nas *Historiettes* de Tallemant de Réaux, e é citado duas vezes no volume *A Prisioneira* (III, p. 681 e p. 870). André Gide cita as frases entre aspas de *Os Prazeres e os Dias* que abrem o parágrafo para exemplificar uma “*considération très subtile [...] particulièrement chère à Proust et dont s’alimentera souvent sa pensée*” (cf. “En relisant *Les Plaisirs et les Jours*”. In: *La Nouvelle Revue Française*, Tome XX. Hommage à Marcel Proust. Janvier 1923, p. 124.)

<sup>4</sup> RÉAUX, T. *Historiettes*. Tome I. Paris: Gallimard/Pléiade, 1960.

<sup>5</sup> “Quelle différence y a-t-il entre *gaillard* et *paillard*?”. In: RÉAUX, T. *op. Cit*, p. 10.

<sup>6</sup> Definições da palavra *paillard* em versões sucessivas do Dictionnaire de l’Académie Française. Disponível em: <https://academie.atilf.fr/9/consulter/paillard?page=1>. Acesso em 28 nov 2018.

O lado *paillard* de Henrique IV era mais uma das “provas de acusação” do verdadeiro “processo” que o duque de Saint-Simon escreveu no final da vida: em seu *Paralelo dos três primeiros reis Bourbon*, o duque pretendia escrever um último acerto de contas, sob a forma de demonstração cabal da superioridade do rei Luís XIII sobre seu pai e sobre o filho, Luís XIV: “O fraco que Henrique IV teve durante toda a vida pelas mulheres foi seu defeito principal e mais funesto. [Defeito que] com o tempo, vai se tornando mais grave, baseado em seu exemplo”<sup>7</sup>.

Pego desprevenido após ter querido fazer uma *raillerie*, eis a resposta do rei *paillard* ao camponês que convidou para conversar: “Não pensei que fosse encontrar um *esprit* tão grande em uma cidadezinha tão pequena.”<sup>8</sup>.

A anedota relatada por Tallemant de Réaux é exemplar em vários sentidos: primeiro, e sobretudo, porque nos mostra a importância do *esprit* enquanto elemento de distinção numa sociedade hierárquica como a da França durante o Antigo Regime: o rei podia querer avaliar seus súditos (seus *roturiers*) através do refinamento de seu *esprit* numa conversação. A anedota nos mostra também a importância da conversação espirituosa: o primeiro desejo do rei de passagem por um vilarejo é o de conversar com o morador “que passava por ter o maior *esprit*” do lugar.

Um pouco antes, na mesma *historiette* dedicada ao rei Henrique IV, Tallemant fala do comportamento da sra. Verneuil, ex-amante do rei, uma das vítimas de seu “fraco” por novas parceiras: após ter sido abandonada pelo rei, “ela só pensava em comida e quis até levar uma panela para o quarto de dormir.” Esta ex-amante infeliz “ficou tão gorda, que parecia um monstro.” Tallemant destaca, entretanto, uma característica que desperta sua simpatia por ela: “mas ela ainda continuava a ter muito *esprit*.”<sup>9</sup>.

O *esprit* era tão importante que chegava a compensar os traços negativos de um retrato – tal constatação também faz parte das observações preliminares para aqueles que querem aprender a ler as *Memórias* do duque de Saint-Simon: “O artista sempre vai preferir ao rosto mais nobremente regular, mas ao qual falta um certo ‘brilho’, fisionomias borbulhantes de *esprit*.”<sup>10</sup>.

Ora, se prosseguirmos a leitura desse ensaio “sobre as formas da imaginação e da sensibilidade” do duque, veremos o exemplo da sra. de Castries, membro da família dos Mortemart, exemplo que só reforça a importância do *esprit* nos retratos traçados pelo memorialista: “Na ‘bonequinha fracassada’ (a sra. de Castries) Saint-Simon fica encantado de reconhecer esse elixir insubstituível, essa inefável quintessência de todos os perfumes do *esprit* que é ‘o *esprit* dos Mortemart’.”<sup>11</sup>

Pesquisas recentes sobre a história da conversação na França identificam o *esprit* dos Mortemart a um *esprit* essencialmente “*railleur*” – *esprit* brilhante de sutis sugestões malevolentes – que acabou exercendo influência sobre o próprio “Rei Sol” e mudou sua conversação:

---

<sup>7</sup> “La faiblesse qu’Henri IV eut toute sa vie pour les femmes, fut son plus grand et son plus funeste écueil. [...] c’est ce qui d’âge en âge va toujours croissant, fondé sur cet exemple.” (Cf. SAINT-SIMON. *Parallèle des Trois Premiers Rois Bourbons*. Paris: Jean de Bonnot, 1967, p. 59.)

<sup>8</sup> “Je ne croyois pas trouver un si grand esprit dans un si petit village.” (RÉAUX, Tallement de. *Op. cit.*, p. 10.)

<sup>9</sup> Idem, p. 8.

<sup>10</sup> “L’artiste préférera toujours au visage le plus noblement régulier, mais manquant d’un certain ‘feu’, des physionomies pétillantes d’esprit.” (COIRAULT, Y. *L’Optique de Saint-Simon*. (Essai sur les formes de son imagination et de sa sensibilité d’après les *Mémoires*). Paris: Armand Colin, 1965, p. 48.)

<sup>11</sup> “Dans la ‘petite poupée manquée’ (Mme de Castries), Saint-Simon reconnaît avec ravissement cet elixir irremplaçable, cette innéfabile quintessence de tous les parfums de l’esprit qu’est ‘l’esprit Mortemart’.” Ibidem.

Desde os primeiros decênios do século [XVII], nas pegadas da nova civilização dos salões nascida no salão de Rambouillet, um dos aspectos distintivos do comportamento nobiliário consistia em saber adoçar a vida passando suas feiúras e tristezas pelo crivo da *raillerie* e da ironia. Tratava-se antes de mais nada de uma arte da palavra na qual todos os Mortemart, Athénaïs em primeiro lugar, primavam, e que levava a marca única de seu estilo: um estilo cujo segredo apenas essa família conhecia, que desapareceria com ela mas permaneceria gravado na memória das próximas gerações. Saint-Simon escreverá: ‘Não era possível ter mais *esprit*, mais polidez refinada em expressões singulares, uma eloquência, uma justeza natural que formava como que uma linguagem à parte, mas que era deliciosa...’<sup>12</sup>

Assim como Charles Swann e o barão de Charlus, Marcel Proust era também um leitor assíduo das *Memórias* do duque de Saint-Simon. Os elogios do duque ao *esprit* dos Mortemart não lhe pareciam suficientes para que pudéssemos compreender a admiração despertada pelo *esprit* dessa família; nem para que pudéssemos imaginar em que consistia esse *esprit* tão particular. Em suas cartas, Proust nos revela em que medida a insuficiência desses detalhes que justificassem a admiração de Saint-Simon pelo *esprit* dos Mortemart o levou a criar e a desenvolver o chamado “*esprit* dos Guermantes”:

‘Não sei se já lhe disse que o que me levou a escrever, como um dever de casa, tantas réplicas da duquesa de Guermantes, e a tornar coerente, sempre idêntico o “*esprit* dos Guermantes”, foi a decepção que experimentei, vendo Saint-Simon nos falar sempre do “*esprit* dos Mortemart”, dos “contornos tão particulares” do *esprit* da sra. de Montespan, da sra. de Thianges, da abadessa de Fontevrault, não conseguir encontrar uma única palavra, a mais leve indicação, que permitisse compreender no que consistia essa singularidade da linguagem própria aos Mortemart.’<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> “Dès les premières décennies du siècle, dans le sillage de la nouvelle civilisation des salons née chez Madame de Rambouillet, l’un des traits distinctifs du comportement nobiliaire consistait à savoir adoucir la vie en passant ses laideurs et ses tristesses au crible de la raillerie et de l’ironie. Il s’agissait avant tout d’un art de la parole dans lequel tous les Mortemart, Athénaïs en tête, excellaient, et qui portait la marque unique de leur style : un style dont eux seuls savaient le secret, qui disparaîtrait avec eux mais resterait gravé dans la mémoire des générations suivantes. Saint-Simon écrira : ‘Il n’était pas possible d’avoir plus d’esprit, de fine politesse des expressions singulières, une éloquence, une justesse naturelle qui lui formait comme un langage particulier, mais qui était délicieux...’. (CRAVERI, B. Athénaïs de Montespan. In : *Reines et Favorites*. Paris: Gallimard, 2007, p. 187.)

<sup>13</sup> “Je ne sais si je ne vous ai pas déjà dit que ce qui m’avait poussé à écrire comme un pensum tant de répliques de la Duchesse de Guermantes, et à rendre cohérent, toujours identique ‘l’esprit des Guermantes’, c’était la déception que j’avais eue, en voyant Saint-Simon nous parler toujours de ‘l’esprit des Mortemart’, du ‘tour si particulier’ à Mme de Montespan, à Mme de Thianges, à l’abbesse de Fontevrault, de ne pas trouver un seul mot, la plus légère indication, qui permit de saisir en quoi consistait cette singularité de langage propre aux Mortemart.” (Lettre à Paul Souday. In: PROUST, M. *Correspondance XX (1921)*. Paris: Plon, 1992, p. 259.)

No texto publicado da *Recherche*, a coincidência entre o *esprit* da família observada pelo memorialista e o da família criada por Proust será explícito: “Diziam o *esprit* dos Guermantes como o *esprit* dos Mortemart.”<sup>14</sup>

O objetivo deste artigo é o de esboçar em que consistiu o “dever de casa” (“*pensum*”) proustiano de criação do *esprit* da família dos Guermantes através da análise de três cadernos que englobam a gênese do *esprit* dessa família.

### As “obras-primas” da duquesa

- Ah! Mais Cambremer, c’est un nom authentique et ancien, dit le général.
- Je ne vois aucun mal à ce que ce soit ancien, répondit sèchement la princesse, mais en tous cas ce n’est pas euphonique, ajouta-t-elle en détachant le mot euphonique comme s’il était entre guillemets, petite affectation de débit qui était particulière à la coterie Guermantes.<sup>15</sup>

Os leitores de *Em Busca do Tempo Perdido* penetram em um salão do *faubourg* Saint-Germain bem antes da entrada do herói do livro nesse meio: é através de Charles Swann que temos acesso aos salões da nobreza. O retorno de Swann a esse meio é também oportunidade para os leitores de entrar em contato com as primeiras cenas de conversação em que se manifesta o *esprit* dos Guermantes, até então apenas sugerido pelas aspas que delimitam algumas falas de Swann, assinalando sua reserva toda vez que tem de tomar parte em discussões um tanto “sérias” – faz parte do *esprit* da família evitar o tom do erudito e do especialista em determinado assunto.

No pior momento de sua relação com Odette de Crécy, e após longo período de ausência, Swann volta enfim ao meio aristocrático no qual passara boa parte dos últimos anos de sua vida, antes de ter conhecido a cortesã. Sua conversação espirituosa com a princesa Des Laumes é antecedida pela “dansa” ridícula da melomana sra. de Cambremer e dos devaneios sociais de uma prima desprezada pela princesa, a sra. de Gallardon.

A conversação da princesa Des Laumes com o general de Froberville sobre o nome “Cambremer” traz as marcas do *esprit* do círculo (*coterie*) do qual ela faz parte. O general, que não participa desse círculo e conta com as festas anuais da sra. de Sainte-Euverte para voltar à alta sociedade (ao “*grand monde*”) não está em condições de acompanhar as sutilezas das *railleries* da jovem princesa (a vulgaridade dos Cambremer estaria associada a um simples problema de “eufonia”). Swann, por sua vez, é membro do círculo seletivo dos Guermantes e conversará com a princesa sobre os Cambremer, alimentando seu *esprit railleur* com observações cheias de graça, de elegância e de leve maldade.

Propomo-nos a percorrer três cadernos de esboços de Proust que evocam a família dos Guermantes e seu meio (os cadernos 41, 42 e 43) para tentar captar certos elementos que estavam na base do “dever de casa” (“*pensum*”) proustiano de criação do *esprit* particular daquela família e de seu círculo de conversação. Tomamos como ponto de partida das análises a tentativa de

---

<sup>14</sup> “On disait aussi l’esprit des Guermantes comme l’esprit des Mortemart.”(PROUST, M. *Le Côté de Guermantes*. Tome II. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988, p.785.

<sup>15</sup> PROUST, M. *Du côté de chez Swann*. Tome I. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988, p. 331. (“- Ah! Mas Cambremer é um nome autêntico e antigo – observou o general. – Não vejo nenhum mal em que seja antigo – retrucou secamente a princesa –, mas em todo caso não é *eufônico* – acrescentou, destacando a palavra ‘eufônico’ como se estivesse entre aspas, pequena afetação prosódica que era peculiar ao círculo Guermantes”. In: PROUST, M. *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana, Globo: Rio de Janeiro, 2006, p. 406.

detectar, nesses cadernos que registram a gênese do *esprit* da família, quais elementos não chegaram ao texto publicado da *Recherche*, mas que, num certo sentido, balizaram o desenvolvimento do tema do *esprit*.

Faz-se necessário, contudo, uma breve introdução aos mencionados cadernos para ilustrar qual sua importância no processo de criação da *Recherche*.

Os manuscritos 41, 42 e 43, são, juntamente com os cadernos 39 e 40, os cinco documentos nomeados “cadernos Guermantes”, destinados à composição do terceiro volume da *Recherche*, “O caminho de Guermantes”.

Tal romance elabora a entrada do herói adolescente no mundo dos Guermantes e de sua *coterie*, ilustrando seu encantamento por ‘essa sociedade até então evocada somente pelo imaginário do protagonista suscitado por certa poesia dos nomes de lugares e pessoas. Considerado um dos romances mais “mundanos” da obra proustiana, o leitor, tão leigo quanto o narrador-herói, adentra um mundo aristocrático de salão e conversações, com o qual não está familiarizado, e vai, pouco a pouco, percebendo certa desmistificação advinda da compreensão e do crescimento do personagem principal.

Com relação aos cadernos analisados no presente artigo, encontramos a seguinte divisão temática desenvolvida por Proust em cada documento de rascunho. No caderno 41, numerado por Proust pelo número 3, o escritor desenvolve: a sequência da cidade de guarnição (fólios 3rº a 14rº), o herói envia um poema à duquesa; Montargis (antigo nome do personagem Sainte-Loup) tenta interceder por ele junta à duquesa (fólios 14rº a 21rº), assim como a *soirée* em casa de Madame de Villeparisis (fólios 22rº a 31rº) e o jantar na casa da duquesa de Guermantes (fólios 31rº a 67rº)<sup>16</sup>.

No que concerne ao caderno 42, numerado por Proust pelo número 4, o escritor elabora os episódios do salão dos Guermantes: poesia dos nomes, das genealogias, das alianças, assim como o *esprit* dos Guermantes e as amantes do senhor de Guermantes (fólios 1 a 52rº)<sup>17</sup>.

No tocante ao caderno 43, cuja etiqueta da capa porta o número 5 escrito pelo próprio autor, encontramos os episódios: o salão dos Guermantes (sequencia nos fólios 1rº a 18rº); o convite da princesa de Guermantes; a visita do herói ao duque e à duquesa de Guermantes, os sapatos vermelhos da duquesa (fólios 18rº a 27rº) e a *soirée* na casa da princesa de Guermantes (do fólio 27rº até o final).<sup>18</sup>

Essa elaboração dos temas, ainda que estejam bem longe da sequência episódica do romance publicado, evidencia a preocupação de Proust com essa pintura do mundano que faz com que o escritor desenvolva, em abundância, diálogos, conversações e seus códigos, compreendidos apenas pelos partícipes da *coterie* Guermantes.

Com relação ao específico tema do *esprit* dos Guermantes, num determinado trecho do caderno 41, o duque de Guermantes conta a seus convidados uma *raillerie*, uma saborosa fala com sugestões maldosas de sua tia, a marquesa de Villeparisis, durante uma recepção em seu salão intelectualizado, em seu “*bureau d’esprit*”:

[Bloch] venait de dire que Balzac était superbe, merveilleux, enfin je ne sais plus l’expression au juste, mais évidemment quelque chose qui jurait un peu, qui n’était pas du tout dans la note. Alors ma tante n’a fait ni une ni deux, et le regardant bien en face elle lui a lâché en plein visage de sa petite voix mi huile mi vinaigre

<sup>16</sup> Cf: “Notice”. In: PROUST, M. *À la recherche du temps perdu*. Tome II. Paris: Gallimard/ Pléiade, 1988, p. 1496.

<sup>17</sup> Op. cit., p. 1497.

<sup>18</sup> Ibidem.

que vous connaissez: 'Mais monsieur, si vous trouvez M. de Balzac merveilleux, qu'auriez-vous dit de M. de Bossuet?'<sup>19</sup>

O duque fica encantado com a *raillerie* bem temperada da tia reagindo a exclamações um tanto exageradas de um jovem judeu com anseios literários. Todavia, tia Villeparisis está classificando o escritor preferido do próprio duque abaixo do “sr. de Bossuet”.

A admiração de Bloch por Balzac não chegará ao texto publicado da *Recherche*. Conhecemos, entretanto, a admiração do duque pelo autor da *Comédia Humana*, desde o projeto de crítica contra Sainte-Beuve. No próprio caderno 41, essa admiração será confirmada pela duquesa, que informa à princesa de Parma que seu marido lê Balzac “todos os dias há vinte anos”. Depois, fingindo supor uma certa descrença da parte da princesa, ela ainda acrescenta: “Mas como? A senhora não sabia? [...]. Mas a senhora pode interrogá-lo sobre qualquer página aberta ao acaso, ele responderá para a senhora de olhos fechados.”<sup>20</sup>

O duque de Guermantes, grande conhecedor de Balzac há tanto tempo, não admira sua tia Villeparisis pelo que ela diz sobre esse autor preferido; o que ele admira nela é a manifestação do *esprit* da família, do *esprit railleur* dos Guermantes: Bloch muito provavelmente desconhece a obra de Bossuet ou, se a conhece, fica de qualquer forma confuso diante de uma afirmação tão categórica (em que os nomes dos autores receberam até uma partícula), afirmação que não traz nenhuma marca de avaliação dos méritos literários de cada autor e pode ter como alvo apenas desestabilizar certezas pessoais. No mesmo caderno, é a duquesa que exprime a natureza da admiração do casal pelo *esprit* da tia:

[...] mais ce qui était impayable c'était ma tante lancée sur Balzac [...] il n'y en a pas une autre quand elle n'aime pas quelqu'un pour enlever le morceau comme elle [...]. Mais elle l'enlève si joliment, avec tant d'esprit, qu'on ne peut pas lui en vouloir.<sup>21</sup>

A sra. de Villeparisis não disse nada de extraordinário sobre “o sr. de Balzac”. Mesmo assim, ela consegue despertar a admiração de seus sobrinhos porque se lança e, mesmo sem ter razão, mas “com tanto *esprit*” consegue facilmente “tomar a palavra”, sugerindo que o direito universal aos transportes artísticos (“Balzac é estupendo, maravilhoso”) não suprime as diferenças de ter nascido Guermantes ou judeu.

No texto publicado da *Recherche*, um outro membro da *coterie* Guermantes, o barão de Charlus, goza com a perspectiva de poder exercer seu *esprit railleur*, seu *esprit* de maldade com o

---

<sup>19</sup> “[Bloch] tinha acabado de dizer que Balzac era estupendo, maravilhoso, enfim não me lembro mais a expressão exata, mas era evidentemente alguma coisa que ficou meio fora do tom. Então minha tia não contou nem até três, e olhando bem na cara dele soltou com aquela voz meio azeite, meio vinagre que vocês conhecem: “Mas meu senhor, se o senhor acha o sr. de Balzac maravilhoso, o que o senhor diria do sr. de Bossuet?”. (Cf. PROUST, M. Passagem do *Cahier* 41. Esquisse XXXII. In: *Le Côté de Guermantes*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988, p. 1249-1250. Devemos as alusões aos três cadernos de esboços de Proust ao excelente artigo de RODGERS, B. “Le Génie et l'esprit des Guermantes”. In: *Marcel Proust 7, Proust sans frontières* 2, Caen, Lettres Modernes Minard, 2009, p.21-42. Agradecemos Pyra Wise pela indicação e envio do artigo.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 1250.

<sup>21</sup> “[...] mas o que foi impagável foi quando minha tia se lançou contra Balzac [...] não tem ninguém como ela para tomar a palavra de alguém que ela não gosta [...]. Mas ela toma a palavra com tanta delicadeza, com tanto *esprit*, que a gente não consegue ficar chateado com ela.” *Ibidem*, p. 1249.

mesmo jovem judeu com pretensões de inteligência. Charlus, aliás, tem em mente um gozo puramente espiritual com os “merdinhas” (“*petites fripouilles*”) que ele encontra na sociedade: “Pour les jeunes gens du monde [...] je ne désire aucune possession physique, mais je ne suis tranquille qu’une fois que je les ai touchés, je ne veux pas dire matériellement, mais touché leur corde sensible.”<sup>22</sup>

As manifestações iniciais do *esprit* dos Guermantes no caderno 41 já servem para estabelecer os limites entre, de um lado, os membros da família e de sua “*coterie*” e, de outro, aqueles que estão excluídos dela. Os Courvoisier, por exemplo, apesar de serem originários de um ramo da família, não foram capazes de incorporar e nem mesmo de compreender o *esprit* dos Guermantes e seu papel de coesão na “*coterie*”. Confusos com a enorme reputação do *esprit* de seus primos, os Courvoisier se enganam até mesmo com relação às pessoas que julgam tomar parte na “*coterie*” Guermantes:

L’esprit des Guermantes était une réputation comme les biscuits de Reims. Et parmi ceux qui n’avaient pas d’esprit et qui étaient jugés comme tels par Mme de Guermantes, par Swann, par M. de Gurcy, ceux qui n’étaient pas trop stupides s’étaient assimilés le tour d’esprit, la manière d’envisager les choses, de juger les gens, de recevoir, des Guermantes plus intelligents, si bien qu’aux yeux des Courvoisier, ils passaient pour aussi spirituels que les autres et en conséquence pour aussi méchants.<sup>23</sup>

Apesar da ignorância, os Courvoisier conseguem identificar um elemento fundamental do *esprit* dos Guermantes, elemento que lhes parece ser sinônimo desse *esprit*: a maldade. Esse elemento que, por engano ou não, acabam associando ao *esprit* dos Guermantes é também fundamental na definição da palavra “inteligência” no caderno 42:

Aux yeux de la plupart des gens du monde, les Guermantes et la duchesse de Guermantes en particulier passaient pour remarquablement intelligents [...]. Pour M. de Bréauté et toute la bonne société (notamment les Courvoisier) l’intelligence appliquée à une personne comme la duchesse de Guermantes [...] signifiait que cette personne était méchante comme la gale, savait tenir tête à des personnes qu’on flattait d’habitude et leur dire leurs quatre vérités, capable de répondre aussi bien en anglais qu’en allemand, et de tenir tête à n’importe qui, qu’elle n’avait pas sa langue dans sa poche et avait une tendance prétentieuse de parler. [...] l’intelligence inspirait à M. d’Agrigente, aux Courvoisier et à beaucoup d’autres, une crainte qui n’excluait pas une certaine estime.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> “Quanto aos jovens mundanos [...] não desejo qualquer posse física, mas não fico tranquilo enquanto não os tiver tocado, não quero dizer materialmente, mas tocado a cordinha sensível deles.” (PROUST, M. *Sodome et Gomorrhe*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1989, p. 13.).

<sup>23</sup> “O *esprit* dos Guermantes era uma reputação como os biscoitos de Reims. E entre os que não possuíam *esprit* e eram julgados como tais pela sra. de Guermantes, por Swann, pelo sr. de Gurcy, aqueles que não fossem muito estúpidos tinham assimilado o *tour d’esprit*, a maneira de enxergar as coisas, de julgar as pessoas, de receber convidados dos Guermantes mais inteligentes, de forma que aos olhos dos Courvoisier, tais pessoas passavam por ter o mesmo tanto de *esprit* que as outras e, conseqüentemente, por ser igualmente malvadas”. (In : Cahier 42, Idem, p. 1289.)

<sup>24</sup> “Aos olhos da maioria das pessoas da alta sociedade, os Guermantes e a duquesa de Guermantes em particular passavam por notavelmente inteligentes [...]. Para o sr. de Bréauté e toda a boa sociedade (principalmente os Courvoisier) a inteligência aplicada a uma pessoa como a duquesa de Guermantes [...] significava que tal pessoa era má até não poder mais, sabia enfrentar pessoas que eram no geral bajuladas e lhes dizer boas verdades, capaz de responder tanto em inglês quanto em alemão, de enfrentar qualquer um,

Todos temem essas pessoas “notadamente inteligentes” (a duquesa e os que partilham seu *esprit*) porque eles podem dar provas de maldade. Com efeito, no texto publicado, a duquesa, no exercício cotidiano de seu *esprit*, quer fazer “brilhar a malevolência lapidar”; temido e atraente, o “*esprit* de Oriane” será “o atrativo principal” do salão dos Guermantes<sup>25</sup> – os que estimam seu *esprit*, como a princesa de Parma, virão visitá-la atraídos por suas *railleries* mesmo contra os membros mais próximos da família.

No caderno 43, a duquesa está esperando um de seus convidados para poder lhe servir as últimas invenções de seu *esprit*: “Le marquis de Sponde était resté cette année-là plus tard à la campagne, elle se desséchait d’impatience de l’impression que lui ferait le nouveau chef-d’œuvre de son esprit.”<sup>26</sup>.

A partir de determinado momento na gênese do *esprit* dos Guermantes, o duque e a duquesa passam a difundir calúnias (novas “obras-primas”) contra aquela que, não faz muito tempo, era objeto de sua admiração especular, a marquesa de Villeparisis:

Mme de Villeparisis passait dans le monde pour une femme de beaucoup de cœur pour ceux qu’elle aimait, et d’une rare intelligence. Aussi M. et Mme de Guermantes éprouvèrent-ils une joie intellectuelle très grande durant les jours où ils mirent à nu cette opinion qu’elle avait une espèce de brio tout superficiel, était fort peu intelligente et d’une insensibilité absolue.<sup>27</sup>

O elemento de contradição presente no *esprit* dos Guermantes (opor ao que se sabe há muito tempo o que ninguém jamais imaginaria) está submetido ao caráter essencialmente malevolente desse *esprit*. As “obras-primas” de maldade são a manifestação principal do *esprit* da família.

O esquema teórico do livro impedirá o herói proustiano de saborear as manifestações do *esprit* dos Guermantes: “O charme especial do nome deles, não consegui encontrá-lo neles, no seu *esprit*, no seu corpo.”<sup>28</sup>.

As notas contra a conversação do projeto contra Sainte-Beuve e a decepção do herói da *Recherche* quando de seu primeiro jantar no salão dos Guermantes farão dessas passagens da obra de Proust um símbolo da rejeição da conversação espirituosa: “No século XX, o ponto de vista de Proust se impôs: a conversação é a antítese da ascese literária, que é a única a poder lhe atribuir, retrospectiva e ironicamente, um sentido.”<sup>29</sup>.

---

que não tinha papas na língua e tinha uma tendência pretensiosa de falar. [...] a inteligência inspirava ao sr. d’Agrigente, aos Courvoisier e a muitos outros um temor que não excluía uma certa estima.”(Cahier 42, Ibidem, p. 1288.)

<sup>25</sup> As três citações foram extraídas do texto publicado: PROUST, M. *Le Côté de Guermantes*. Op. cit., p. 438.

<sup>26</sup> “O marquês de Sponde tinha permanecido mais tempo aquele ano no campo, ela estava morrendo de impaciência para saber da impressão que teria sobre ele a nova obra-prima de seu *esprit*.” (Ibidem, Cahier 43, p. 1302.)

<sup>27</sup> “A sra. de Villeparisis era tida na alta sociedade por uma mulher de muito coração por aqueles que amava, e de rara inteligência. De forma que o sr. e a sra. de Guermantes experimentaram uma alegria intelectual imensa durante os dias em que desvelaram a opinião de que ela tinha um brilho totalmente superficial, era muito pouco inteligente e de uma insensibilidade absoluta”. Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem, Cahier 42, p. 1274.

<sup>29</sup> “Chaque famille, chaque milieu, dans l’Ancien Régime, avait sa propre interprétation de la langue et du style français de conversation. La langue était vivante, variée, à la différence du latin des savants, grammaticalisé et figé par le collège, l’enseignement.” (FUMAROLI, M. *La Conversation*. In: *Trois Institutions Littéraires*. Paris: Gallimard, 1992, p. 182.)

## Conclusão

Apesar da recusa do *esprit* de conversação e a proposta de ultrapassá-los pela “ascese literária”, Proust dá seguimento a uma longa tradição literária francesa quando pensa no *esprit* em suas apropriações por um determinado meio, uma família, uma *coterie*. Assim como no Antigo Regime, o *esprit* de conversação da *Recherche* não é uma entidade geral que preside a qualquer tipo de diálogo:

Cada família, cada meio, no Antigo Regime, possuía sua interpretação própria da língua e do estilo francês de conversação. A língua era viva, variada, diferentemente do latim dos eruditos, gramaticalizado e tornado estanque pelo colégio, pelo ensino.<sup>30</sup>

Proust dá continuidade a essa tradição que pensa o *esprit* em suas apropriações particulares e, além disso, o pensa em associação com a *raillerie*. Uma passagem das *Memórias* daquele que é denominado o “último dos homens de *esprit*”, o príncipe de Ligne, é exemplar nesse sentido: exilado na Áustria, após a Revolução, o príncipe constata com desilusão o desaparecimento de um mundo em que a conversação espirituosa e *railleuse* tinha papel capital: “Ninguém mais conversa, não existe mais conversação, não sabem nem mais contar uma pequena maldade com bom humor...”<sup>31</sup>.

A princesa de Parma, admiradora convicta do *esprit* da duquesa de Guermantes, frequentará seu salão pela atração que esse *esprit* exerce sobre ela. Atleta sem experiência, ela ousará atravessar as ondas de grandes e pequenas maldades da conversação da duquesa, em busca deste “elemento cômico, perigoso, excitante, em que a princesa mergulhava com uma espécie de temor, de sobressalto e de delícias.”<sup>32</sup>.

Assim, não foi por acaso que a coleção das *Memórias* do Antigo Regime publicadas pela editora Mercure de France recebeu o nome do último volume da série de romances proustianos. O primeiro tradutor da *Recherche* para o alemão assinala em um artigo a importância do livro de Proust como introdução ao conhecimento dos códigos do Antigo Regime francês:

A quintessência da experiência não é aprender a ouvir explicações prolixas que à primeira vista poderiam ser resumidas em poucas palavras, e sim aprender que essas palavras fazem parte de um jargão regulamentado por critérios de casta e de classe e não são acessíveis a estranhos. Não admira que Proust se apaixonasse pela linguagem secreta dos salões. Quando empreendeu mais tarde a impiedosa descrição do *petit clan*, dos Courvoisier, do *esprit* de Oriane, ele já havia

---

<sup>30</sup> Idem, p. 161-162.

<sup>31</sup> “On ne cause plus, on n’a plus de conversation, on ne sait plus conter seulement une petite méchanceté gaiement...” (LIGNE, Prince de. *Mémoires*. Paris: Mercure de France (col. *Le Temps Retrouvé*), 2004, p. 318.) Em sua coletânea sobre estrangeiros que, na Europa do XVIII, falavam e escreviam perfeitamente em francês (*Quand l’Europe parlait français*) Marc Fumaroli dedica um capítulo ao príncipe a quem chama de “dernier homme d’esprit”. (FUMAROLI, Op. cit.)

<sup>32</sup> “[...] cet élément comique, dangereux, excitant, où la princesse plongeait avec une sorte de crainte, de saisissement et de délices.” (PROUST, M. *Le Côté de Guermantes*, Op.cit., p. 448.).

aprendido, no convívio com os Bibesco, a improvisar numa linguagem cifrada, na qual ele também nos iniciou.”<sup>33</sup>

### Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 36-49.
- COIRAULT, Yves. *L'Optique de Saint-Simon*. (Essai sur les formes de son imagination et de sa sensibilité d'après les *Mémoires*). Paris: Armand Colin, 1965.
- CRAVERI, Benedetta. Athénaïs de Montespan. In: *Reines et Favorites*. Paris: Gallimard, 2007.
- FUMAROLI, Marc. La Conversation. In: *Trois Institutions Littéraires*. Paris: Gallimard, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Quand l'Europe parlait français*. Paris: Livre de Poche, 2003.
- GIDE, André. En relisant *Les Plaisirs et les Jours*. In: *La Nouvelle Revue Française*, Tome XX. Hommage à Marcel Proust. Paris: Janvier, 1923, p. 123-126.
- LIGNE, Prince de. *Mémoires*. Paris: Mercure de France (col. “Temps Retrouvé Poche”), 2004.
- PAILLARD. In: DICTIONNAIRE de l'Académie Française. Disponível em: <https://academie.atilf.fr/9/consulter/paillard?page=1>. Acesso em 28 nov. 2018.
- PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Tome II. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Du côté de chez Swann*. Tome I. Paris: Gallimard/Pléiade, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Le Côté de Guermantes*. Tome II. Paris: Gallimard/Pléiade, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Sodome et Gomorrhe*. Tome II. Paris: Gallimard/Pléiade, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Correspondance XX (1921)*. Paris: Plon, 1992.
- PROUST, M. *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana, Globo: Rio de Janeiro, 2006.
- REAUX, Tallemant de. *Historiettes*. Tome I. Paris: Gallimard/Pléiade, 1960.
- RODGERS, Brian G. “Le Génie et l'esprit des Guermantes”. In: *Marcel Proust 7, Proust sans frontières 2*, Caen, Lettres Modernes Minard, 2009, p. 21-42.
- SAINT-SIMON. *Parallèle des Trois Premiers Rois Bourbons*. Paris: Jean de Bonnot, 1967.

Recebido em: 10 de abril de 2018

Aceito em: 24 de abril de 2018

---

<sup>33</sup> BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In : *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 42.